

ALÉM JUBILEU

Peço Dr. Escaquolle Doria

(Catedrático de Historia do Brasil no Colégio Pedro II)

A 2 de Dezembro de 1902, no salão de honra do Externato do Colégio Pedro II, reuniram-se pessoas do escol do Rio de Janeiro, com a presença do Dr. José Joaquim Seabra, então ministro da Justiça e Negócios Interiores.

A seléta Assembléa ia memorar o sexagésimo quinto aniversário da fundação do Colégio Pedro II, creado na constancia da ultima Regencia a 20 de Dezembro de 1837, regente Araujo Lima, ministro Bernardo de Vasconcelos.

Assumira a presidencia da reunião o bacharel em letras Carlos Arkmar Busch Varela, nascido no Rio de Janeiro, a 7 de Março de 1822, advogado e notavel orador forense, graduado no Colégio na primeira turma de seus bachareis, em 1843, e delta sobrevivente unico em 1902.

Antes de assumir a presidencia da reunião o bacharel Busch Varela, entraram na sala de honra os bachareis em letras, antes reunidos no pátio do Colégio, como se alunos fossem. Dado um toque de sineta, entraram em fôrma, velhos e moços, dirigindo-se para o salão de honra, onde esguardavam o Dr. Calrilita, Director do Externato e o Dr. Coqueiro, Director do Internato; além de lentes em exercicio e jubilados.

Os bachareis estavam formados por ordem de turmas, a principiar pela de 1843 e a findar pela de 1901.

Os bachareis mais novos conduziam os barretes brancos das collações de grão de 1843 e 1901. A's onze horas da manhã, tinham ouvido missa votiva na igreja de S. Joaquim, contigua ao Colégio, missa celebrada por monsenhor Amorim, antigo vice-ditor e professor, tendo por acolito o conego Marques de Gouvêa, aluno do Colégio até o 5º ano.

Ao later de meio-dia, o bacharel José Bernardino Paranhos da Silva, presidente do Instituto dos Bachareis em Letras, conviou o bacharel e decano da classe Busch Varela a presidir a sessão.

Orou em primeiro logar o bacharel Varela, terminando assim o discurso:

"O passado veio ligar-se à actualidade e as gerações que se têm sucedido neste largo periodo de sessenta e cinco annos unem-se em fraternal apoplejo para honrar a memoria do seu melito fundador e do seu dedicado protector (D. Pedro II)."

Ao bacharel Varela seguiu-se o secretario do Instituto dos Bachareis, em Letras, Teodoro Magalhães, cuja oração fimbou pelas seguintes expressivas palavras:

"É bello este instituto cujos filhos têm cumprido o lema que divulgaram no seu portico — *Ars ingens iterabilis acquiri*."

Por ultimo disse o bacharel Lima Drumond, orador do Instituto dos Bachareis em Letras:

(Conclue na pag. 4)

Transpondo a barra...

Idealismo! Que devemos entender por idealismo, caros colegas? E' das armas a mais eficaz na sempiterna luta do bem contra o mal. O dualismo pers-a não é méra fantasia de imaginação ardente, senão a expressão symbolica das realidades do mundo.

Se nos apegarmos ao desenrolar monótono e ingrato da luta pela vida, as nossas aspirações (quem não as tem?) morrerão no nascedouro, nem brotará vigor novo diante das asperezas do caminho a vencer.

Crêde-nos, colegas: se quereis vencer na vida, digo melhor, se quereis passar uma existencia menos arida do que a que o destino vos reserva, incuti em vosso espirito um pouco de idealismo fino, inspirado em sentimentos altruistas. Vêde com optimismo sadio assim os bons exitos como as vicissitudes. O ideal nunca é a realidade, porque o mundo interior e o mundo exterior são analogos, e não iguais. Mas o grão de aproximação, se muito trabalhado, pôde nos eleva do optimista tornar-se infinito, e então praticamente aos nossos ideais corresponde feliz realidade. E' o que se passa commosco, nós o cremos.

Tudo quanto arquitetamos, todos os nossos planos e anseios se têm realizando qual o desejavamos.

A idéa da fundação de um gremio estudantino no Externato Pedro II empolgou o mesmo director Dr. Delgado de Carvalho. Imediatamente nos facilitou todos os caminhos, demovendo obstaculos que se nos afigurariam intransponiveis e, se vittoria a tivemos, foi o nosso estimado director um dos seus maiores obreiros.

O Dr. Antenor Nascetes, que todos vós conheceis como educador do

mais fino quilate, jámais nos abandonou nessa arriscada empreitada, já tomando parte nos trabalhos, já apresentando maravilhosas sugestões, ora ensaiando commosco, ora animando-nos com o valor dos seus incentivos.

Foi mais que o mestre, foi também o amigo.

Mas os nomes continuam ainda. Injusticia seria olvidar o nosso tão benemisto, quanto polido e culto Dr. Nelson Romero.

A sinceridade das suas ponderadas palavras de animação traz-nos conforto e incentivo.

Mas o mestre incansavel vai além: interessando-se de verdade pela cultura intellectual dos jovens brasileiros, tem-nos enriquecido magnificamente a biblioteca com obras das mais preciosas.

Contudo, por demais longo seria querer agradecer nominalmente, a quantos nos vêm prestigianlo nesse sonho juvenil.

Que nos perdoem os dignos mestres sempre tão solícitos em atender-nos, desde que precisão tenhamos do fulgor dos seus talentos.

Que nos perdoem os colegas que souberam compreender a significação da iniciativa e commosco vêm cooperando nessa obra ingente de aperfeiçoamento intellectual.

Todavia, não será demais fazamos saber a todos o quão penhorados lhes ficamos por mais esta estimulante victoria, deixando gravadas nas modestas paginas que ora surgem o que de ha muito está esculpido com letras de amizade nas paginas agradecidas dos nossos corações: muito obrigado!

A DIRETORIA.

A lingua do Homem

Por Peri Brasil.

A lingua falada dos nossos selvagens, o *abankocq* ou *aracá-nhê*, teve os seus dias de apogeu, ainda depois do descobrimento.

Compreende-se seu grande esforço que a principio os colonos tivessem de aprender a lingua dos povos com que iam tratar, porque, como diz o prof. Clovis Monteiro, não seria de um jato que a raça veneçolora assimilaria a vencida.

Dois seculos de convivio desses dois idiomas, ensina o prof. Quintino do Vale, iniciaram definitivamente a dialeção brasileira.

O *aracá-nhê* era a lingua do homem, como a classificavam os selvagens, na singela ingenuidade de que só eles tinham o dom da palavra.

Chama o prof. Candido Jacú Filho a atenção para o fato interessante de que, pelo completo isolamento em que viviam os povos primitivos, se julgassem os unicos capazes de falar. Neste particular o termo barbaro parece ser mesmo uma onomatopeia criada pelos heletos por julgarem só souberem os estrangeiros articular barbar-bar...

Ao que se presume, o *abankocq* irradiou da região comprehendida entre o Paraguai, o Uruguaí e o Paraná, vindo, na época do descobrimento, a estender-se do Rio Grande ao baixo Amazonas, subdiletando-se inevitavel e profusamente.

O estudo dessa lingua era um instrumento inapreciavel com que podiam contar os missionarios jesuitas para a obra santa da catequese.

Escreve Couto de Magalhães que, para o selvagem, aquele que fala a sua lingua é um seu parente, portanto seu amigo.

Para os jesuitas não constituia isso segredo: e a eles é que se devem os primeiros trabalhos destinados a encaxar em regras o idioma do gentio.

Anelleta, para quem não ha palavras que exaltem o mérito excepcional, na expressão do prof. Jonatas Serano, foi quem, fez primeiro, compor um ensaio de gramatica tupi.

Grandes deveriam ter sido as suas dificuldades: em primeiro logar havia sons tais, que impossivel seria perceber-los, como narraa Vieira num de seus admiraveis sermões, quando mais tentar grafá-los; faltavam-lhe consoantes. E' conhecida a irrisoria relação estabelecida pelo cronista Pero de Magalhães Gandavo, dizendo que o seu alfabeto carecia de P, L e R, porque não tinham os nossos amerindios nem fé, nem lei, nem rei...

Todavia, careciam ainda de outros sons consonantais como o s, z, f, v, e o r forte.

A tarefa dos missionarios consistiu, pois, tambem em suavisar a linguagem de si tão rude, dando-lhe uma feição mais facil. Nasceu assim a lingua geral que, por toda parte, era victoriosa, no dizer do já citado prof. Quintino do Vale.

(Conclue na pag. 3)

Nós e "O Arauto"

Foi por demais gentil a maneira por que os nossos colegas de "O Arauto" receberam a noticia da fundação de um Gremio neste Externato.

Foram nossos primeiros passos acompanhados com interesse de bons amigos, nem nos faltaram ardentes palavras de incentivo e carinho.

Noticiando sempre com expressões elogiosas, filhas de sua pena generosa, atos de nossa vida interna, "O Arauto" é um dos fatores de nossos parcos louros.

De coração, agradecidos,

Mario Barreto

Com o trespasso de Mario Barreto, extinguiu-se uma das mais lucidas e mais aristocraticas mentalidades que temos, nesses ultimos tempos, vislumbrao.

Mario Barreto fora em vida uma alma nobilissima, ornamentada por uma cultura profunda e deslumbrante.

Filologo, literato e poeta, em qualquer desses mistêres, e illustre morto revelava um conhecimento e uma agudeza de espirito tais que o colocaram, indiscutivelmente, no primeiro plano do intellectualismo indigena.

Faleceu Mario Barreto!

Extinguiu-se um dos belos ornamentos que a nossa cultura apresentava!...

MOSAICO

O Gremio navega sem dúvida em mar de rosas. O Dr. Nelson Romero, cujo raro brilho ninguém desconhece, propôs-se a incumbência tão ardua quanto nobre de dotar a nossa embrionária biblioteca de obras de peso. E o tem conseguido às mil maravilhas, graças ao prestígio que desfruta no meio intelectual. Nada menos de 11 obras já foram ofertadas ao Gremio, das quais cinco pelo professor Pedro A. Pinto, erudito lente da nossa Faculdade de Medicina e as outras pelo Dr. Afranio Peixoto, que ocupa um merecidamente uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Provavelmente, ao sair este órgão já o numero de livros dados ao Gremio por interferencia gentil do Dr. Nelson Romero seja muito maior, pois a colheita promete ser feliz.

Gratos a todos e parabens aos consócios.

Promete ser das mais brilhantes a festa que "O Arauto", o maravilhoso periodico que todos admiram, está organizando para encerrar em flores e risos os seus animadissimos concursos.

E' dever de todos os colegas prestigiar essa feliz iniciativa, que demonstra, de modo irrefutavel, a operosidade e inteligente do brasileiro.

Desnecessario se torna que lhes auguremos reconfortadores louros, porque quanto os nomes dos directores de "O Arauto" são já uma inconcussa certeza.

A biblioteca do Gremio emprestou, grande numero de livros no decorrer do mez de agosto. Desde então, dado o aumento de obras recebidas, é de prever que o movimento seja muito maior.

Sendo livros escolhidos os que enriquecem as nossas estantes, é-nos extremamente agradável notar o afan com que são procurados.

O Gremio Cientifico e Literario em menos de dois mezes de existencia já conta com alentado quadro social; organizou uma biblioteca; promoveu concorridissimo baile; realizou com notavel affluencia a sua primeira sessão ordinaria, inaugurando a distribuição de premios aos vencedores; contribuiu para a realisação de uma homenagem postuma ao individual mestre Mario Barreto; está empreendendo disputado concurso de contos; organizou um campeonato de xadrez e tem ainda mil projetos a transformar pouco a pouco em radiosa realidade.

Não ha duvida, vamos indo!

Tem provado admiravelmente a idea do Dr. Delgado de Carvalho de implantar no Pedro II o moderno sistema dos Directorios.

As vantagens daí advindas, e ociosos seria enumerar-las, já levaram outros collegios a adotar a nova medida.

Cumprimentos ao victorioso educador.

Finalmente um apelo aos mestres. Ser-nos-ia profundamente agradável e reconfortador que os nossos mestres contribuisssem para o progresso do nosso Gremio, com o valor de suas obras. Alguns, mesmo, com quem temos a felicidade de estar em maior contato já o fizeram, tendo até a maravilhosa idea de incluir entre os livros as suas teses preciosas.

Al fica o pedido.

A ORIGEM DO AMAZONAS

Por Alvaro A. Rebelo.

Ainda é quasi geral a afirmação de que o Amazonas tem sua origem no lago de Lauricocha.

Esta afirmação tem origem no facto seguinte: — No fim do sec. XVII os padres Samuel Fritz e Richler estabeleceram-se em Quito. Tendo Samuel Fritz se afastado muito no serviço da catequese foi ter ao territorio portuguez, onde foi preso como espião, e, de volta, subindo o Maranon, descobriu o lago de Lauricocha, origem deste rio e que elle admitiu logo como o gerador do Rio Mar.

Esta descoberta foi muito divulgada pelas "Lettres Edifiantes", que eram um resumo dos trabalhos dos missionarios.

Com as explorações posteriores da região descobriram-se varios outros rios, entre os quais o Ucayale que, sendo muito mais extenso que o Maranon ou Tunguragua não podia ser tributario. Entretanto, pelos fins do sec. XIX Antonio Raimondi, geografo italiano, depois de um longo periodo de explorações, proclamava o Maranon o braço mais extenso do sistema e portanto a origem do Amazonas.

Coube a Squires, geólogo americano, resolver definitivamente a questão, chegando á conclusão, depois de varias pesquisas, auxiliado pela Sociedade de Geografia de Lima, de que a origem do Amazonas deveria estar no sul do Perú e seria o Vilcanota.

O Vilcanota tem sua origem no sopé do "Telhado do Mundo", na região de La Raya, nos Andes. E' a principio insignificante, logo que escapa da lagôa que lhe dá origem, formada por algumas poças de aguas tranquilas que se formam pelo degelo no "Telhado do Mundo". Torna-se depois caudaloso, mais volumoso mesmo que o Maranon, no trecho em que ainda conserva o nome de Ucayale.

A exploração das cabeceiras do Amazonas, porém, não foi feita por Squires mas por Campbell Besley com tres companheiros, que organizaram uma expedição e se propuzeram a achar as nascentes e a acompanhar o rio até a embocadura, o que conseguiram plenamente, vencendo as dificuldades inauditas que lhe opuzeram os selvagens e a propria região.

Tendo em vista a sua origem no Vilcanota o Amazonas mede 6.800 km. enquanto que, considerando-se como continuador do Maranon teria apenas 6.200 km. de curso.

Não obstante origem tão modesta, o Rio Mar ao chegar ao Oceano tem já um volume extraordinario, bastando considerar que por segundo são jogados ao mar de 80.000 a 90.000 metros cubicos de agua, que pôde correr com a velocidade de 4 km. por hora e arrasta grande quantidade de argila amarela e areia finissima á razão de 2 a 4 metros por hora. E a altura do seu leito em Tabatinga, onde mede 2.775 mts. de largura, a 4.500 km. da fôz é apenas de 75 metros!

Quem sabe?

Antunciou-se a Luiz XIV a morte do cardinal Mazzarino com as seguintes palavras: Sire, Sua Eminencia entregou sua alma a Deus. — Duvido que a tenha aceitado, murmurou um corteção que se achava presente.

Cavalgata das Valquírias

Por Souza Lira.

Sieglinde lança-se aos braços do amado Siegmund; reconheceram-se no olhar irradiante a nobre raça dos Wälseings. Ele é o destinado a livrá-la do jugo de Hunding.

Na triste noite de nupcias aquêl velho soturno e embaçado enterrará a espada até o cabo no carvalho vetusto e ela agora não resistia á força de Wehwalt — o prometido Siegmund.

O olhar ansioso de Wotau contempla a desolada região; arenoso e arido, erigido de rochedos, quebra-se o caminho por que vem Brunnhilde. Deposita-lhe o deus nas mãos puras de virgem guerreira e filha predileta a sorte do combate. O ultrajado mas infame Hunding será o sacrificado, Siegmund — o indefeso — o sustentaculo da ameaçada raça dos deuses.

Brunnhilde cavalga orgulhosa da missão e anuncia ao rei e senhor dos deuses a vinda da austera esposa. Fricka, a guardiã da pureza, a defensora do ofendido Hunding, vem combater a decisão do deus. A custo em torno tolerá-lhe as Valquírias, filhas de Erda, que a respeitam e honram embora. A Sieglind e Siegmund, porém, vivo par dos mortais amores de Wotan, não tolerará ella. Estes filhos de Walse não reconhecerá.

Em vão o pai defende a causa dos que se unem pela loucura do amor, a do renovador do Walhalla. Fricka, a sabedoria mesma, é irredutivel; Wotan faz-lhe o juramento final.

Jura, a alma convulsa...

Vê esboroar-se o Walhalla ao peso do preço amaldiçoado.

... a esposa que parte, acompanha-lhe as soturnas Valquírias em funerea cavalgata, lagrimas aos olhos pelos irmãos que devem perecer...

Assim, Wagner como que nos materializava sob a forma de musica a propria expressão das suas ideas.

A trama intima — da declamação lirica — e da orquestra melódica e sinfónica — converge para o mesmo fim — homogeneidade musical e clareza dramatica das operas wagnerianas. A opera de Wagner não é escrita para que tal ou qual cantor exprima uma nota que só é dada por elle. Concede-se inteira liberdade á declamação lirica, os versos ligados por notação musical á orquestra; esta desenvolve a melodia que é, por assim dizer, perpetua. "Em musica tudo é melodia", disse o Mestre.

Compreendemos ai não a da escola italiana, de frases amplas, sentimento de tonalidade igual sempre, cantilena que termina por cadencia periteta e que é mais ou menos constante. Praticada na Italia, na França, na Alemanha

(Mozart, Haydn), não a desconheceu ou desprezou Wagner; dela usou, mesmo, em suas ultimas obras.

Mas se lhe dá expressão mais lata: "em musica tudo é melodia".

Melodia, melodia verdadeira é a que por si só subsiste, sem auxilios de quaisquer especies. Os primeiros hinos dos cristãos, a musica oriental, as arias populares, os cânticos luteranos, são melodia e não os governa o sentimento da tonalidade e cadencia perfeita na terminação. A melodia wagneriana é livre, não termina, liga-se a outras em cadeia; não se adstringe a tonalidade unica.

De Beethoven teve de envolvimento sinfónico e por Wagner foi transportada ao teatro, a dar vida e vigor a acção dramatica. Wagner, a este respeito, foi um ecletico; prova-o a sua admiração por Bellini de que disse o seguinte: "... ce n'en est peut-être pas non plus que de prior encore le ciel, avant de se coucher, pour que vienne aux compositeurs allemands l'idée de telles mélodies et une telle façon de traiter le chant".

O que fazia era verificar em cada escola o que de realmente bello possuam.

Na melodia de Wagner sobressai outra caracteristica — o leit-motif — (motivo tipico). Como a imagem permanece em nosso cerebro e lembra o objeto a que se refere, o leit-motif que sintetiza uma situação nos será repetido e evocará a alegria, a doçura ou a majestade da cena.

Sua impressão não se apagará e nós o iremos encontrando enobrecido, ridicularizado, mas sempre com a primitiva essencia. Já eram os leit-motivos frequentes em Weber, Meyerbeer, Berlioz; mas Wagner não os usa no Rienzi e só o faz modestamente no Navio Fantasma. Do Tannhauser ao Lohengrin empregou-os copiosamente e de Tristão e Isolde ao Parsifal manifestam-se elles em toda a sua plenitude. Tal é o leit-motivo que descreve a cavalgata das Valquírias que escoltam a Fricka, tal o triste e soturno da destruição do Walhalla, após todo o seu esplendor. E quando Fricka verbera os amores de Sieglind e Siegmund não é necessario que Wotan alegre a Primavera de flores perfumosas e embriagadoras...

Brunnhilde aterrhorizada recebe a novas ordens e tenta vamente cumprir o que manda o coração do pai, mas que impede o dever.

Já Wotan vê a nova raça substituir-se á dos deuses no Walhalla em chamas.

Café Andaluza

E

Chocolate Delicia

completam a alegria do lar

Fabrica:

23 -- ANDRADAS -- 23

PELA PAZ!

(GUERRA E CIVILIZAÇÃO)

Por Luís Samis.

Tentaremos, sob a epigrafe acima, alinhavar um artigueiro que visará, exclusivamente, a propagação de um ideal nobre que, atualmente, abarca todas as consciências limpidas e verdadeiramente ansiosas por um soerguimento moral do genero humano.

A humanidade não pôde mais comportar as carnicerías sangrentas, que a têm enxovalhado de sangue; as derradeiras selvagerias que semearam os mais fantasmagóricos sofrimentos, aniquilando gerações sucessivas, assinalaram a impossibilidade da persistência do atual estado de coisas; não é crível que os homens possam, por muito tempo ainda, ficar insensíveis à sua tragica derrocada, motivada pelo seu proprio canibalismo, por uma especie de auto-anthropofagia...

A guerra deve ser, ininterruptamente, combatida, sob pena de extinguir-nos impiedosamente.

E' mister que esse o entredevaramento irracional que os racionais têm perpetrado!

E' com esse intuito que os intelectuais conscienciosos, "leaderados" pelo sábio internacionalista Einstein, encetaram uma campanha sem treguas e belicisidade, instituindo, ao lado da "Internacional dos Resistentes à Guerra", uma "Caixa Einstein da Internacional de Resistência à Guerra".

"A geração atual incumbe dar este passo, o mais decisivo de todos os passos que a humanidade jamais poderá tomar. Cabe-lhe a missão de transmitir às gerações futuras o dom inestimável de ver o mundo redimido da barbaria guerreira!" São estas as palavras suplicantes, que os intelectuais de maior projeção universal lançam aos jovens de hoje, á geração despontante.

E' de desejar, que saibamos honrar o nosso seculo, correspondendo ao apelo entusiastico e sincero dos iluminados proceres anti-belicistas.

A Civilização é uma sequencia natural da evolução historica da humanidade. Ela representa o fruto dos mais variados e mais desconexos fatores que, até hoje, têm assinalado sua influencia na evolução sociogenica.

A dificuldade unica está em discernir qual o fator predominante, no terminismo da evolução humana. Sabe-se que a Civilização compreende a síntese de numeras contribuições — é a resultante incontestavel de sucessivas etapas da humanidade.

Vejam os alguns dos fatores essenciais que contribuíram eficazmente para o desenvolvimento moral, social e politico da humanidade.

As religiões; o determinismo da evolução do espirito humano; os embates entre as hostes guerreiras, acarretadas pelas dessemelhanças psicologicas e etnologicas e outras causas, contribuíram, directa ou indirectamente, para que atingissemos o estado social e moral, que hodiernamente vislumbramos.

Sobre a evolução, inevitavel, do espirito humano e as religiões nada diremos, em virtude do grão de complexidade que o primeiro apresenta e pela delicadeza e transcendentalismo que todos os assuntos teologicos consubstanciam.

Analiemos, pois, o fator que denominamos "embates entre as hostes guerreiras" e vejamos como e por-

que, esse fator, contribuiu, eficazmente, para a evolução sociogenica e a consequente instituição de um estado social e moral, diferente dos precedentes, e que se convencionou chamar de Civilização.

A' primeira vista, parecerá que o acima exarado constitui um paradoxo aberrante.

Realmente, como se pôde compreender que a guerra — que tudo destrói e aniquila — tenha servido como fator de progresso e de evolução, tenha constituído, em uma palavra, elemento produtor de civilização?

Tentaremos explicar, lentamente, esse pretenso paradoxo.

Os povos antigos, em virtude de varias causas psico-fisiologicas, possuíam mentalidades completamente diferentes. Atualmente, mesmo, ainda notamos esse fenomeno: ha países que têm tendencias extraordinarias para a arte, constituindo os seus filhos, geralmente, uma pleiade deslumbrante de artistas, pintores, esculptores, etc.; povos ha que possuem uma predisposição morbida para beligerantes, guerreiros, etc.

Portanto, essa disparidade de mentalidades entre os varios grupos que formam a humanidade, é uma consequencia logica da incultura, em maior ou menor grão, de cada um deles.

A explicação desse fenomeno, é muito controversa — querem uns, como Buckle, que a diferença de mentalidades e, consequentemente, de educação social e moral, entre os varios grupos componentes da humanidade, seja explicado pela diferença do meio ambiente; outros inclinam-se a crer que só a dessemelhança étnica, proporcionar-nos-á uma explicação verdadeira da disparidade de mentalidades; finalmente, hoje em dia, a corrente sociologica dominante afirma que todas aquelas causas, e mais algumas que o desenvolvimento das ciências revelaram, constituem elementos elucidativos das diferenças psico-psicologicas que caracterizam os diversos povos.

Vimos, pois, as alusões, certas ou erradas, explicando as diferenças de mentalidades, entre os diversos povos. Vejamos, agora, as consequencias que aquela disparidade acarreta.

Certos povos, em virtude de sua mentalidade inconstante e marcial, foram nomades; outros, pelo seu espirito pacifista, foram sedentarios.

Evidentemente, as raças nomades, em consequencia de sua infixidez, finalisavam por alcançar terras, onde povos sedentarios habitavam. Travavam-se, então, os mais sangrentos combates, saindo, geralmente, como vencedores, os atacantes. Perpetrava-se, então, uma promiscuidade de caracteres e de habitos, resultando, às vezes, um novo tipo de mentalidade que sintetisava os defeitos e as virtudes dos elementos componentes.

Si o novo tipo resultante apresentava mais afinidades com os conquistados, resultava um povo de tendencias sedentarias, com caracteristicos morais e sociais modificados; si, porém, a mentalidade resultante se aproximava mais dos conquistadores, surgia uma nova avalanche nomade, que se destinava a espalhar-se pelo

(Conclue na pag. 5)

Revoltas pela independencia, na America

(Lido numa das aulas do 5º ano A, lecionadas pelo Dr. J. R. de Melo e Souza, pelo aluno Manoel F. de Paiva Nunes, primeiro classificado e nosso segundo orador oficial).

Em pleno seculo XVIII, trabalhavam o mundo as idéas filosoficas francesas e inglesas, vindas á luz ao nascer do seculo, e prégando a igualdade, a liberdade e a fraternidade. Locke, filosofo inglês, Montesquieu, Rousseau e Voltaire, franceses e Diderot, enciclopedista francês, foram as fontes irradiadoras destas idéas, incomparáveis doutrinas.

Montesquieu, em sua obra "O espirito das Leis", foi quem primeiro se bateu pela separação dos tres poderes: — executivo, legislativo e judicial. Rousseau, no "Contrato Social", estabelecia que deve haver um verdadeiro contrato entre a nação e o seu delegado. Abalava, assim, a autoridade dos reis, derrubava o seu absolutismo, e transferia a soberania, a majestade, o poder real para o povo.

Começaram, então, a se manifestar na America Latina os efeitos dessa transformação formidavel, extraordinaria, por que passava o mundo civilizado, transformação essa conhecida ou indirectamente, pela leitura dos livros, pelos espiritos cultos da America, ou directamente pelos estudantes que iam concluir suas carreiras na Europa. E', pois, uma ingratitude historica atribuir-se a origem das idéas de Independencia na America Latina á influencia do exemplo norte-americano. Todos os espiritos, iluminados pelo saber, já consideravam, como tendo que se realizar, pois as idéas, de que partilhavam, consistiam em verdadeiras leis, universais, que não poderiam falhar, porque a lei se caracteriza, justamente, por não ter exceção. O triunfo norte-americano vinha apenas inspirar-lhes a confiança de que o que almejavam já se aproximava, tanto que já o encontrara uma parte da America. Prepara-se uma expedição para segui-lo, procurá-lo. Forma-se a conjuração mineira, tendo como componentes o Dr. Domingos Vidal Barbosa e Dr. José Alves Maciel, vindos recentemente da Europa, aos quais se aliarão os vultos mais eminentes e de maior valimento da capitania de Minas, tais como o coronel Freire de Andrade, Alvares Peixoto, Claudio Manoel da Costa, Tomaz Gonzaga e muitos outros, entre eles, Joaquim José da Silva (o Tiradentes), simples alferes de milicia, sem instrução, mas que se tornou a alma da rebelião, já pela sua atividade, quer pelos riscos que corria, e, finalmente, pela sua abnegação, quando, após o fracasso, foram processados, fazendo Tiradentes recair sobre ele a culpabilidade da empresa, e, desse modo, a ira da metropole, livrando, assim, os outros conspiradores da pena de morte. Tiradentes sintetizou a fé, a coragem, a bondade e o patriotismo, constituindo um verdadeiro orgulho nacional, e impondo-se, cada vez mais, com o decorrer dos tempos. Fracassou o movimento de que ele foi o martir heroico, mas foi mais uma semente lançada, que haveria de germinar mais tarde, era mais um grito que seria ouvido "per omnia secula".

Sobre Fresnel

Por R. A. Costa.

Sabe-se que ha duas hipóteses explicativas, da propagação da luz: a) a da emissão de particulas infimas pelos corpos luminosos; b) a da ondulação comunicada a um meio universal, o éter fisico.

Newton optou pela da emissão: a sua autoridade a impôs durante muitos anos aos cientistas. O ultimo partidario illustre dela foi Biot, que em vão a defendeu.

Porque a hipótese de Newton não explicasse a difração da luz, a Academia Francesa de Ciencias propôs a questão, empregando-se, recomendava, a hipótese das emissões. Fresnel, joven fisico de Broghe, no Eure, lutando contra todos os impelchons materiaes que se lhe antolharam, explicou cabalmente, o fenomeno pela hipótese das ondulações das moléculas dos corpos. Hoje pensa-se que são devidas a fenomenos eletro-magneticos periodicos.

Poisson, membro do Juri da Academia fez notar então que pela explicação dada, o centro da sombra geometrica de pequeno disco opaco deve ser iluminado.

Feita a experiencia, contra toda expectativa aconteceu o previsto.

Fresnel foi premiado. Animado, iniciou novos e interessantes estudos de ótica: reflexão e refração de luz polarizada ou natural, reflexão total, polarização circular e elítica, etc...

A lingua do homem

(Conclusão da pagina 1)

O aparecimento de um a paralogico em certos vocabulos é um dos caracteristicos da lingua geral ou *abnegatu*.

Assim aconteceu com as palavras *capenga*, *tinga*, *acanga*, que na sua origem eram *capenga*, *ting*, *acang*, como demonstrou o ultimo autor.

Era inevitavel, pois, que o tupi viesse a influenciar de certo modo o portuguez no Brasil, contribuindo para torna-lo dialeto, como o classificou Leite de Vasconcelos, em que pese ao orgulho nacional cunha o prof. Antenor Nascentes.

O nosso lexico está cívado de termos tupis e excusamo-nos de exemplificar, lembrando, somente que certos vocabulos já lograram aceitação nos dicionarios portugueses como *lenga-lenga*, *caboclo* e *caipira*...

Diversos modismos de nossa pronunciação podem encontrar explicação no tupi. Estão nesse caso dições como: *tamém* (também), *arto* (alto), *anda* (andar), *mué* (mulher) e outras.

A sintaxe nem de leve foi atingida (Julio Nogueira — O Exame de Portuguez — pg. 334.)

Em suma, para nós, um dos estudos mais interessantes de filologia é o do idioma dos nossos aborigenes, idioma que, no dizer de Couto de Magalhães, sendo estudado com apuro dará a solução de muitas questões ainda hoje insolúveis em filologia e linguistica.

Além Jubileu

(Conclusão da pag. 1)

"E' nobre, exclamou Lima Drumond, venerar as reliquias da Patria: falando á poesia do coração, elas exercem na imagem do trabalho, e piedosa do sofrimento pela civilização, a salutaríssima influencia de um exemplo edificante como esses vultos heroicos e puros do periodo da Regencia."

Por ordem de turmas, sentavam-se no salão, ouvindo nos discursos as recordações do proprio passado, numerosos bachareis em letras, figurando entre eles Eduardo Cavallo e Melo Alvim, antigos ministros plenipotenciarios; Manoel Francisco Corrêa, antigo ministro dos Estrangeiros e senador do Imperio pelo Paraná; Joaquim Pizarro e Souza Lima, lentes da Faculdade de Medicina, varios médicos, Rego Cesar, João Batista de Lacerda, Werneck Machado, Alvaro Ramos, Carlos Neto, professores como Balthêz de Carvalho, Carlos de Laet, bacharel de 1867, no lado do filho Maíra de Laet, bacharel de 1899.

Um assistente despertava, porém, geral atenção, desde o momento em que entraram na sala de honra, formando com a sua turma, a de 1865, representada pelos engenheiros José Americo dos Santos, Eduardo Mendes Limoeiro e Lima Betim Paes Leme, este então diretor dos Correios e o médico Valeriano Ramos da Fonseca.

Com os quatro mencionados companheiros penetraram no salão, representando com eles a turma de 1865, o bacharel Francisco de Paula Rodrigues Alves, então presidente da Republica. Daí a atenção geral voltada para o primeiro magistrado da Nação, trinta e sete anos antes 7º anista do Imperial Colégio de Pedro II, quando não podia suspeitar a que alturas o levaria o Destino, o grande caprichoso.

Pelas quatro horas da tarde terminava a solenidade da comemoração de sessenta e cinco anos de existencia do glorioso Colégio, ao qual o ministro fundador, Bernardo de Vasconcelos, tão bons fatos presagiu em discurso admiravel.

A idéa da solenidade tivera principio na mente de Busch Varela e do antigo senador do Imperio Teixeira Junior, entre outros. Antigo senador do Imperio Manoel Francisco Corrêa, bacharel de 1849, propôs ao Instituto dos Bachareis em Letras, a idéa da comemoração, logo aceita pelo Instituto, hoje infelizmente sem vida, em reunião á qual foram presentes quarenta bachareis em letras.

O Instituto, honrando propostas e tradições, levou a cabo o intento realizando a solenidade a 2 de Dezembro de 1902, indelévelmente assistida pela presença do presidente Rodrigues Alves, honrando tempos já decorridos de sua juventude e da mocidade da Nação Brasileira. Sem desanimo do futuro, o passado digno e larga e protentosa pagina aberta na historia ao estudo e á meditação da mocidade.

Assim queira ela tê-la

Decifrem...

Do rio o tribunal ilumina — 1-2.
Fontes.

*

O adjetivo no palacio da luz — 1-2
Sergio.

ONDE COMEÇA A HISTORIA...

O Gremio Cientifico e Literario Pedro II tem um vasto programa a cumprir. O seu programa são os seus Estatutos, cuja rigorosa observancia e desenvolvimento a Diretoria pugna por executar e, digamos sem rebuços, o vem fazendo maravilhosamente.

Obscuro é, porém, ainda o ponto que trata da sua origem e das causas que levaram um pugilo decidido de alunos a tomar tal iniciativa.

Cremos que é novidade, mas o Gremio nasceu nas férias.

Dois de seus associados, o seu actual vice-presidente Hugo Kamensetzer e principalmente o presidente Silvio Elia, tiveram essa lembrança, inspirados num Gremio Literario cujos Estatutos tinham em mão.

Discutiui-se que tal empresa era difficil, porquanto os estudos absorviam todo o tempo do estudante e era ainda expor-se á critica e ataques de descontentes. Correu em seu auxilio Cornelle lembrando-lhes que "*A' tuerce sans péril, ou triomphe sans gloire*" e decidiu-se a questão.

Imediatamente puzeram mão á obra e antes de 1º de abril as linhas gerais da futura agremiação já estavam perfeitamente delineadas.

Faltava agora a aprovação do Director. Não houve duvida: vieram ter com o Dr. Delgado de Carvalho antes mesmo de iniciarem-se as aulas do Colégio. O Director não só aprovou vivamente a idéa, mas ainda incentivou os rapazes, apresentando mesmo no momento certas sugestões.

Abertas as aulas a idéa foi logo posta em marcha e daí por diante tornou-se conhecido o desenrolar dos acontecimentos.

O desfecho foi a solenidadezinha com que o Gremio empossou a sua primeira Diretoria, festa que realizou intimamente, no meio restrito dos seus associados e da qual não quiz fazer alarde a fim de que não tomassem a nuvem por Juno.

E' assim que começa a historia...

"The right man..."

O celebre Gimmermann, desejava na juventude de instruir-se e de tentar a fortuna, abandonou a Suissa, onde nascera e estabeleceu-se na Alemanha. Próximo a Berlim, teve a honra de ser apresentado a Frederico II, que muito apreciava as pessoas de mérito. Depois das costumeiras perguntas — quem era e de que país, o monarca acresentou: — E que professaes vós?

— Sire, a medicina.

— Oh! senhor médico e quantos tentes matado?

— Não tantos quantos matastes, Sire, mas certamente com muito menor gloria.

Esta resposta espirituosa conquistou a confiança do rei a tal ponto, que finalmente Zimmermann veiu a ser médico da corte.

"Uccidiamo il chiaro di luna"

Por File Springs.

Consumada a grande rebelião mundial, apareceram, como era de esperar, metamorfoses não só sob o ponto de vista financeiro, politico, mas tambem social e até nas artes a guerra atingiu. O que nos interessa nesse artigo é a nova fase por que passaram a literatura e as artes.

As inovações foram em quasi todos os paizes combatidas e, em muitos deles, repelidas de um modo categorico.

Naturalmente, a que mais revolucionou os meios intellectuais foi a apresentada pelo actual presidente da Academia Italiana de Letras.

A vida social do homem e por consequencia a vida artistica tornar-se-iam menos poeticas *post-bellum* em virtude do puro realismo dos acontecimentos de 1914-18.

Disse Felipe Marinetti que os poetas deveriam cantar a natureza tal qualmente ela se nos apresenta; abandonassem a chorotica "Diana", o "Astro-rei" e outras expressões poeticas bastante antipaticas. Daí sua celebre frase: "Uccidiamo il chiaro di luna".

Ao contrario dos poetas e pintores que analisam a natureza segundo seu estado de alma, isto é, não subordinam-na á subjetividade. Esquecessem a mulher fatal, o indefinivel ela, l'eternelle matame, a mulher onimorfo.

Por que só cantar as mulheres, as flores e os aspectos extrinsecos da Natureza? Por que afastar da arte as expressões dinamicas, a maquinaria?

Aliás, precedendo Marinetti, Walt Whitman cantou, nos Estados Unidos, a locomotiva.

Porém Marinetti, para nosso ouvir, um tanto romantico, excedeu-se demais e a consequencia desse avanço foi o desmantelamento, em parte, de sua arte. E' certo que o exito não foi o esperado, mas não podemos negar, absolutamente, a grande cultura intelectual daquelle super-homem.

O futurismo de Marinetti, de Plinio Salgado, submete a progressão artistica a revelações demasiadamente fracionadas. A prova mais evidente é que não atingiu a uma forma de comprehensibilidade, mesmo para os espiritos da elite: não se ajustou á exata eunitmia da vida contemporanea. Ele marcou, apenas, a morte de uma época artistica".

Contudo, na Italia seguem o presidente da Academia de Letras grandes vultos literarios tais como Respighi, Folgore, Pratella, etc.

Mas não foi só na peninsula Italiana que o futurismo se estendeu: abrangem os maiores meios intellectuais do mundo; ele se alastrou por toda parte, atraindo grandes homens hodiernos: Jean Cocteau, Paul Morand, Charles Vildrac, na Franca; James Joyce Gertrude Stein, na Inglaterra; Picasso, em Espanha; Neu-

mann, Alemanha; Alexandre Tairoff, Russia e Antonio Ferro, em Portugal.

No Brasil, incluindo os que se apresentam nos tres ramos em que se dividiu o futurismo, como venenos adiante, são, reduzindo tanto quanto possível a onomastica: Graça Aranha, no pensamento; Di Cavalcanti e Ciccero Dias, na pintura; Vila Lobos, na musica; Plinio Salgado, no romance; Nestor Vitor, na critica e em poesia Ronald de Carvalho, Raul Bopp, Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, Murilo Araujo, Alvaro Moreira, Mario de Andrade, etc., etc.

Ora, o futurismo adquiriu no Brasil tres correntes em certos casos pariformes: "a de Mario de Andrade, com os extremistas; a do "Pau Brasil" importada da Franca por Villegaignon e lavrada por Oswald d'Andrade e a Verdamaresla que quer conter, vivas, a alma e a paizagem da Patria."

Esses ramos, tendo como autor unico Marinetti, espalhou-se pelo país, culminando em São Paulo, onde o grupo verdamarelo teve sua genesis e no Rio, onde encontrou o maior numero de adeptos.

* * *

Ha pessoas que são radicalmente opostas ás reformas; preferem as idéas antigas, não raro em desacordo com o seculo actual, tendo por base a erronea concepção que os povos de outrora eram mais estudiosos e, até mais inteligentes. Esquecem-se entretanto que os espiritos reformadores são dotados da mais cristalina cultura.

* * *

Silvio Romero, indo de encontro ás concepções dos espiritos paralisados, disse na Historia da Literatura Brasileira, antes de aparecer Marinetti: "Eu não sou classico e nem romantico, e nem parnasiano, não estou com a velha, nem com a nova geração... quero estar com a novissima, com aquella que ha de vir".

* * *

Não souo bem no ouvido do povo a brusca mudança de ritmo nas artes em estilo moderno. O mesmo se da com a estetica. Mas isso é questão de tempo...

Esqueçamos o lirismo quinheentista. Aliás, os escritores dessa fase são uma verdadeira joia literaria, porém os que hoje repetirem seu estilo serão simplesmente intragaveis porque a literatura deve ser feita segundo a alma e pensamento da época do escritor.

"Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionario o cunho vermaculo de um vocabulo.

Abaixo os puristas.

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais.

Todas as construções sobretudo as sintaxes de execução.

O valor do poeta não está na metricação ou na rima que só nasceu após Virgilio, Ovidio...

Isto, quanto á poesia; no que diz respeito á prosa, as transformações tambem são dignas de apreço.

O modo de se distinguir um trabalho da "velha escola" ou "nova" é, como afirma P. Salgado, o mesmo que identificarmos um individuo que nos inspira ou não simpatia...

Sobre a pintura apenas diremos que — não fossem os exageros futuristas — ela já não existiria — a fotografia aí estava para substitui-la.

UNIFORMES OU ENXOVAIS
70, BUENOS AIRES E OURIVES, 30
Telefone 3-4512
para COLEGIAIS, ninguém compre sem
vêr os preços nos "IMPORTANTES AR-
MAZENS" de roupas para HOMENS e
MENINOS.
A's Quatro Nações

Pela Paz!...

(Conclusão da pag. 3)

orbe, divulgando costumes e concepções, até que fosse absorvida por uma raça que, intelectual e fisiologicamente, lhe fosse superior.

Assim, com o decorrer do tempo, de etapa em etapa, os varios povos mesclaram-se, confundiram-se social e etnologicamente e nos legaram um novo estado social, que acreditamos ser o paroxismo da evolução historica, chamando-o de Civilização...

Está claro que a evolução da humanidade não se operou de uma forma tão simples, como acabamos de expôr.

Fatores outros, como já assinalamos, contribuíram mensalmente para a perpetração do fenomeno sociogenico, que epitetamos de "evolução historica".

O que desejamos ressaltar, no entanto, é a importancia capital das guerras e do espirito combativo dos nossos ancestrais, na marcha evolutiva da humanidade.

As refregas dos nossos antepassados deram um impulso extraordinario à inevitavel consumação do fenomeno que nos proporcionou o que, atualmente, chamamos "Civilização"...

Atingimos o apogeu — estamos hiper-civilizados... E as guerras continuam... Mas, presentemente, uma guerra tem significação e finalidades completamente diferentes das que, até agora, vinhamos considerando.

Os combates sangrentos dos nossos ancestrais têm sua significação nas consequências que produziram e na mentalidade atrofiada que, ainda, orientava os seus atos sociais e morais; as conflagrações de hoje não encontram justificativa nenhuma.

Os argumentos dos países beligerantes são, sempre, desprovidos de qualquer base racional; a retórica pedante dos politicosos, que instigam criminosamente a guerra, deixa transparecer a miserabilidade de suas concepções, evadidas de concupiscências e hipocrisia.

A guerra, atualmente, é um crime de lesa-humanidade; é uma aberração sociologica e moralmente considerandô.

Porque, em ultima análise, quais foram os objetivos das guerras, que afogaram a humanidade, nesses ultimos tempos, em um mar de sangue e de dor? Foram méras rivalidades, industrias e ambições desenfreadas que as desencandearam.

Vejamos a mais proxima — a de julho de 1914. Porque se realizou essa vergonhosa carnificina? Simplesmente, porque o industrialismo belico, manejando habilmente as ambições de uns líderes ávidos pela supremacia economica, assim o quizeram... E uma horrível tragedia envolveu, durante quatro anos seguidos, a humanidade estupefata e pusilânime. Os gemidos angustiosos das viúvas e dos orfãos ainda ecoam pelo mundo; os mutilados miseros e dilacerados, ainda lamentam a sua sina desditosa; o estado economico do mundo, é o mais terrível que já se viu — e, no entanto, a verborragia cinica dos "patriotengos" boçais de todas as patrias, clama por uma nova guerra!...

Parece mentira... mas ela virá!...

Uma guerra entre os homens, hoje em dia, representa um retrocesso social e moral vergonhoso. Assim como as religiões que, pela sua tirania e opressão, constituíram um freio moral imprescindível à humanidade

Gremio Cientifico e Literario Pedro II

(2ª sessão extraordinária)

A palestra humoristica do professor J. B. Melo e Souza — O Sr. Luis Samis fala sobre "A Paz" — Interesses sociais.

Foi bastante concorrida a sessão extraordinaria do Gremio Cientifico e Literario Pedro II, realizada a 20 de Setembro, às 9 horas da manhã.

Constituíram a mesa o Sr. Silvio Elia, a senhorita Josefa Pereira e o Sr. Pedro Bloch, suprido a falta do Sr. Alberto Hecksher.

Aberta a sessão e depois de aprovada a ata da anterior, deu-se inicio a primeira parte da ordem do dia: palestra humoristica do prof. Melo e Souza (In illo tempore), que manteve o auditorio em constante regosio relatando fatos passados no seu tempo de estudante e lendo alguns artigos escritos por alunos daquele tempo que hoje são professores, homens de letras e alguns já falecidos.

Destacamos os sonetos do Dr. Quintino do Vale, principalmente, porque nos toca de perto.

O prof. Melo e Souza encerrou a palestra com uma poesia futurista de sua lavra que constituiu um belo remate à bellissima palestra.

Em seguida o Sr. Luis Samis, primeiro orador oficial falou sobre "A Paz", num brilhante improviso.

Fez vêr aos colegas presentes a importancia do assunto, encarando-o sob diferentes pontos de vista.

O prof. Melo e Souza proferiu algumas palavras elogiosas e reforçou com um discurso tão ligeiro quanto brilhante o tema explanado pelo Sr. Luis Samis.

Passou-se, finalmente, à ultima parte da ordem do dia: interesses sociais.

O Sr. Silvio Elia desejando apresentar uma proposta passa a presidencia ao Sr. Pedro Bloch.

Deliberou-se nomear uma comissão para estudar a proposta apresentada.

O Sr. Pedro Bloch nomeou para essa comissão os Srs. Rubem de Azevedo Costa, Manoel Francisco de Paiva Nunes e Gilberto Ferreira da Costa.

Tambem o Sr. Daniel Aarão Reis apresentou uma proposta.

Não havendo mais do que tratar o Sr. presidente deu por encerrada a sessão.

dos tempos de antanho, as guerras constituíram, como vimos, um fator de progresso indiscutível. Mas tudo tem seu tempo — hoje, conscientemente, não se pôde admitir nenhuma dessas expressões, como elementos de progresso. No entanto, as religiões, literalmente modificadas, persistem; e as guerras, mais aperfeiçoadas, tendem a continuar!

A persistencia dessas ultimas, não encontra explicação na psicologia complexa do homem. Os sociologos querem atribuir essa persistencia nefanda ao que eles chamam de "atavismo". Mas, isto é vago.

Não tencionamos discutir esse ponto, porque nos levaria a considerações extensas e fatigantes.

Almejamos, unicamente, acentuar que a Guerra e a Civilização são expressões que se chocam; uma repele a outra, embora uma tenha, por assim dizer, gerado a outra.

A Guerra sintetiza a dor, o odio e o sofrimento; a Civilização deve resumir a Paz e a Fraternidade. Não se coadunam, pois, em absoluto.

Origem da lingua portuguesa

Raul Arcos.

Duas linguas, do ramo itálico, do tronco indo-europeu, que são o latim, sabélico, umbro, volscio, osco e falisco, distingue-se o primeiro por ser lingua do povo romano, que conquistou a Península Itálica e impôs a sua lingua.

Subjugadas a Sicília, Corsega e Sardenha, o Latim passou a ser falado fóra da Península.

Em 211 A. C. P. Cornélio Cipião venceu os povos da Península Ibérica, após algumas vicissitudes, principalmente por parte dos Lusitanos, comandados por Viriato, um pastor, que só foram vencidos em 153.

Agora, abra-se um parêntesis para nêle estudar os povos anteriores à conquista romana que habitavam a Península.

Segundo Varrão, passaram pela Península, os Ibêros, de ibêri, habitantes do rio Iber, hoje Ebro, que deu Ibêria, nome geral de toda a Península; Celtas, cuja união com os Ibêros deu os Celtibêros; Persas, cuja vinda à Península é obscura; Fenícios, pelo ano 2000 A. C.; Gregos, cuja data vacila entre 700 a 900 A. C. e naturalmente elementos líbicos.

Roma conquistando, fazia uma colonia militar, Sebelli Castrum, da castrense, o falar dos soldados; na Lusitânia houve uma no lugar, onde se acha, hoje, Santarém. Ela nunca aprendia a lingua dos vencidos, impunha a sua; naturalmente o latim falado pelos soldados, vencidos e colonos, não é aquele que vemos nos clássicos, que em grande parte era uma lingua artificial, porém foi esta amálgama, mais ou menos igual em todas as provincias, que se chama Romance ou Romance, que evolvento em as linguas românicas ou neolatinas.

Pelo ano de 409 A. C., através dos Pirrênos, os Vândalos e Suevos, povos germânicos, e os Alanos, de origem iranica, entraram na Península. Este dominio, porém, foi efêmero, pois os Visigodos, comandados por Ataulfo, após algumas lutas obrigaram-nos a passar à Africa.

Em 711, este dominio termina, com a conquista árabe, sob o comando de Tarique; a Península depois de três anos estava sob o seu poder, executando o morte, onde se refugiaram Pelágio e os últimos cristãos, que mais tarde iniciaram a reconquista.

O rei de Castela, D. Afonso VI, em 1095, da sua filha, D. Teresa, em casamento a Enrique de Borgonha, dando como prêmio o Condado Portucalense, de Portus Cale. Em 1139, Afonso Enriques, faz a independência, tornando-se rei. Mais tarde, 1250, Afonso III, conquista o Algarve, passando a lingua portuguesa a ser falada do rio Minho ao Guadiana.

Desde o século XII que apparecem documentos escritos em português, apesar das indecisões de ortografia, sintaxe, sendo o mais antigo, supõe-se, a doação de Elvira Sanches, em 1192. Estes documentos tornam-se inúmeros desde o renado de D. Luis, passando o português a ser lingua escrita, atingindo o máximo de esplendor no século XVI.

UM APELO!

Ha dias fomosificados que alguns alunos do Pedro II permaneciam varias horas na Leitaria Minas e Rio fazendo enormes algazarras, deslustrando, assim, a indispensavel conduta que se deve ter.

Disse-nos o gerente do referido estabelecimento que os nossos colegas não se têm comportado à altura do colegio-padrão — que é o nosso — e, nas horas por eles preferidas, a freguezia é muito escassa exatamente por sua presença.

Rogou nosso informante que fizéssemos um apelo por intermedio de *Ciencias e Letras* aos caros colegas com o fito de portarem-se como estudantes dignos do Colegio Pedro II.

Nos reconhecemos que a expansão e a alegria são jovialidades que exprimem vitalidade. Neste momento em que nos é concedida a autonomia escolar enviamos aos colegas o mais veemente apelo no sentido de cooperarem para a boa ordem e disciplina onde quer que haja algum aluno do Pedro II.

Esse apelo que dirigimos aos colegas, sem distincão de classe, é dos mais razoaveis. Façamos, pois, jus a que de direito.

Eis o nosso apelo. O orgão do Gremio Cientifico e Literario Pedro II — *Ciencias e Letras* — sentir-se-a orgulhoso com o cumprimento de seu primeiro pedido aos alunos do Colegio modelo do Brasil.

NEM A TUDO SE RESPONDE

Madame de Staël estava zangadíssima com o visconde de Choiseul, por causa de certos epigramas que elle havia divulgado. Um dia a Staël e o visconde encontraram-se: a civildade impunha que se falassem. Disse a Staël:

— Ha muito tempo que não o vejo, senhor de Choiseul.

— Ah! senhora enlaixatriz, tenho andado doente.

— Gravemente, senhor?

— Estive em risco de envenenarme.

— Devêras? Será que o Sr. de Choiseul mordeu a lingua?

Esta terrível resposta fulminou o visconde conhecido por maledicente e matreiro. A lição foi severa, mas por ser merecida, elle não ousou responder.

MATERIAL ESCOLAR

Villas Bôas & Cia.

— * —

Artigos para Desenho, Pintura,
Engenharia, Escolas, Artes De
corativas e Objetos para
— Escritorio —

— * —

Rua 7 Setembro, 219
TEL. 2-0832

Análise Literária de uma estrofe dos "Lusiadas", de Luiz de Camões

(Lido em sessão ordinária do Gremio Científico e Literário Pedro II, por Alvaro A. Rebelo)

Os cabelos da barba e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limos prenhes dagua, e bem pare-
cem
Que nunca brando pente conheceram.
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões, que ali se ge-
ram.
Na cabeça, por gorra, tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

Lusiadas — Canto VI — est. XVII.

Com a fase quinhentista, o primeiro período do português moderno, houve, em Portugal, um movimento literário tendente a disciplinar a língua que tomou então a forma que conserva até hoje. Este movimento era identico ao que se havia iniciado um seculo antes nas letras e nas artes da Italia.

Nessa época, que já foi chamada por Mendes dos Remedios a "idade de ouro da literatura portuguesa", surgiu Camões, a maior gloria da literatura portuguesa de todos os tempos. Este foi o autor de um dos maiores poemas epicos da humanidade — *Os Lusiadas* — em que já se nota a influencia do movimento literário da Renascença, na maior simplicidade, na maior elegancia da frase, cuja construção era complicadissima, abundando em falsas relações, anacolutos, hiperbatons, etc., como ainda se pôde notar na estrofe acima — A expressão

...parecem

Que nunca brando pente conheceram."

é um exemplo de quiasma; resulta evidentemente do cruzamento sintético das outras duas: "parece que nunca brando pente conheceram" e parecem nunca brando pente ter conhecido".

Composta na primeira fase do português moderno, quando ainda se fazia sentir a influencia muito proxima do português antigo, é natural que essa obra esteja cheia de expressões que não permaneceram na lingua. Assim, por exemplo, a concordancia do participio passado com o objeto direto em frases com o verbo *ter* como em

...tinha posta

Uma mui grande casca de lagosta";

a regencia do verbo *desce* pela preposição *em* — "...
Da cabeça nos hombros, todos eram"
e a presença de palavras com signifi-

cado muito diferente da que têm hoje como "falecem" por faltam.

Camões escreveu este seu poema epico em oitavas, de versos decaesilabos, que são os mais belos da lingua portuguesa. São quasi todos versos graves, o que aliás, é natural, pois graves são a maioria das palavras do nosso idioma. Além de numerosos são mesmo os mais agradaveis ao ouvido.

Escreto no sec. XVI, era natural que seus versos fossem todos rimados, pois a rima, que não é elemento essencial no verso antigo nem no moderno, tornou-se indispensavel desde o sec. IX até o sec. XIX quando entrou novamente em declínio.

Os seis primeiros versos têm rimas cruzadas e os dois ultimos, rimas em parella; as rimas do primeiro, do terceiro e do quinto verso são consoantes. Entretanto, o mesmo não se dá com a segunda, a quarta e a sexta, que são rimas imperfeitas como a setima e a oitava. Isto, aliás, pouco importa, pois o essencial é a harmonia do verso.

Como todo epico, Camões, para dar maior belesa e um cunho de maravilha á sua obra, recorreu á mitologia.

Baco era inimigo dos portugueses. Vendo que estes tinham já saído de Melinde e estavam para chegar ao seu destino, a India, e que todos os seus esforços para impedir-lhes o proseguimento da viagem tinham sido improficuos, resolveu descer do Olimpo ao reino fantastico de Netuno, a quem mandou que chegasse todos os deuses do mar, para persuadi-los de que deviam se unir todos a fim de destruir em os portugueses.

Toma então duma grande concha retorcida que lhe servia de trombeta, para convocar os deuses, um "maneobo grande, negro e feio" — Tritão — filho de Netuno e de Salacia. A estança acima descreve justamente o aspecto verdadeiramente asqueroso desse personagem.

**Fabrica de artefatos
de couro, malas e
artigos para viagem**

Eisenberg Vieira & Cia.

TELEF. 3-5430

R. URUGUAIANA, 138

CASA MILITAR

VIANNA & PETTIMANT

IMPORTAÇÃO DIRETA

Artigos de esport e calçados, bones de todos os generos, gorros, Capacetes, Polainas, Perneiras, Talabartes e Chicotes, Espadas, Esporas e Distintivos de todos os tipos. Dragonas, Platinas, Bandeiras e Galardetes

BORDADOS A OURO, PRATA E SEDA

RUA MARECHAL FLORIANO, 180

TELEFONE 4 -- 5085

RIO DE JANEIRO

SAFO

Por Segismundo Estêves

Safo, a unica grande poetisa do mundo, que se chamava Psapa no seu dialéto eolio, diz-se que chegou ao zenite da sua fama pelo ano 610 antes da nossa era.

Bastaram dois seculos para tornar obscuros a maioria dos acontecimentos da vida de Shakespeare; mal se podia esperar que depois de vinte e cinco seculos houvesse muitos dados autenticos da vida de Safo. Pouco mesmo daquela evidencia interior, em que a biografia se pôde basear, se pôde concluir das suas poesias existentes, tão fragmentadas nos chegaram. Se não fossem as citações de gramaticos e de lexigrafos, nem uma palavra teria sobrevivido.

E contudo parece que as suas obras se conservaram intactas até pelo menos ao terceiro seculo da nossa era; porque Ateneu, que por esse tempo escrevia, applica-se a si proprio as palavras do poeta comico ateniense, Epicrates, na sua *Anti-Lais* (360 A. C.), dizendo que éle, tambem, "tinha aprendido de cór completamente todas as canções respirando amor, que a suavissima Safo cantára."

* * *

Nas poesias de Safo está tudo tão ritmicamente e sublimemente em ordem que a arte suprema dá serenidade e grandeza á expressão do abandono da paixão.

O mundo não sofreu maior perda literaria do que a perda dos poemas de Safo. Tão perfectos são os mais pequenos fragmentos conservados na Coleção de Bergk, que meditamos num triste e embevecido pasmo o que deviam ter sido as poesias completas.

Entre os antigos gozava Safo de uma fama unica. Chamavam-lhe "a poetisa", como a Homero chamavam "o poeta". Aristoteles citou sem hesitar uma opinião que a collocava na mesma linha da de Homero e Arquiloco. Platão, no "Fedro", trata-a de *decima musa*. Solon, ouvindo um dos seus poemas, rogou que não viesse a morte antes que o tivesse de cór. Estrabão fala do seu genio com um respeito religioso. Longino cita a sua ode erotica como exemplo de sublimidade poetica. Os epigramistas chamam-lhe filha de Eros e de Afrodite, criada pelas Graças e pela Persuasão, orgulho da Helada, igual das musas, companheira de Apolo. Em parte nenhuma se lê qualquer insinuação de que a sua poesia fosse sinão perfeita. Pelo que podemos ajuizar, estes louvores são de justiça. De todos os poetas do mundo, de todos os artistas illustres, de todas as literaturas, Safo é a unica de quem cada palavra tem um aroma especial e inconfundivel, um cunho de perfeição absoluta e graça inimitavel. Na sua arte não errava. O proprio Arquiloco parece banal quando comparado com a maravilhosa raridade de frase que ela tinha.

Ha paixão de sobra no verso de Safo sem as lendas de Faon e do rochedo de Leucas. A realidade põe na sombra toda a ficção, porque em parte nenhuma, a não ser talvez em algumas canções de amor persas ou provençais, se poderão achar mais ardentes expressões de emoção dominadora. Quer dirigindo-se ás donzelas que, mesmo no Elisio, como diz Horacio, Safo não podia esquecer; quer revelando as mais profundas aspirações de uma alma intensa a uma

A MANIA DE CRITICAR...

O celebre escultor Policleto trabalhava ao mesmo tempo em duas estatuas iguais; uma éle a esculpia em publico e a outra em segredo. A esta dedicava todo o seu genio, aceitava, para a primeira os conselhos de todos, e trabalhava segundo a critica. Quando as duas estatuas foram concluidas, éle as expôs, uma ao lado da outra. Criticou-se então muito a primeira estatua e louvou-se aquella que o seu genio modelara em segredo. — Atenienses, disse então Policleto, a estatua que vós criticais, é obra vossa; a que vós admirais é obra minha.

CHARADAS

Quatro letras tem somente esta palavra pequena.

Ela, leitor paciente, decifrai-a, vale a pena.

Só tem duas consoantes, hem como duas vogais, aquelas são discordantes porém estas são iguais.

A prima silaba faz em silencio seu papel, é a ultima que traz clocuras, mas não de mel.

A segunda só propina aos ricos seus predicados, aos mendigos amofina com sua ausencia, coitados!

São as tres letras primeiras,

leitor, véde, um titular; cá nas plagas brasileiras ninguém o tente encontrar;

A's avessas é faceta a charada, bom leitor: nos dá paz, é borboleta, deusa, pedra, planta, flor.

Basta de composições: a charada, leitor nosso, levou tantos tranbulhões que já ficou sem peçoço.

Maia Conde.

*

O soberano aperta seu dominio — 1-1.

Antonio.

Está resolvido o problema!

A Leitaria Minas e Rio

Avenida Passos, 111, resolveu-o satisfatoriamente, fornecendo aos estudantes o melhor "lunch" pelo menor preço!...

beleza que não existe na terra, mas que inflama a alma dos mais nobres poetas, roubando-lhes o sono aos olhos e dando-lhes a beber a amargura das lagrimas — estes fragmentos deslumbrantes, "que ainda, como paixão de fogo grego, ardem através do tempo e não morrem", são a forma ultima e acabada da expressão apaixonada, diamantes, topazios e rubis em chama em que o fogo da alma para sempre se cristalizou.

Celula

Por Hugo Kammsetzer.

Célula é a unidade vital. Consta de protoplasma nucleado e de uma membrana que o limita.

O protoplasma (sin sarcólio, bioplasma, plasma), é uma substância da natureza da albumina com semi-fluidade e elasticidade.

Antigamente (ate 1873), era considerado constituído de duas substâncias: uma líquida e hialina, outra granulosa e opaca. A partir dessa época, mais numerosos brotam o trabalhos e o protoplasma é comparado a uma esponja embebida num líquido (Flemming, Strasburger). E ao mesmo passo que, copiosos, os conhecimentos se ampliavam e lapidavam as opiniões a pouco e pouco divergiam. Os histologistas, cingidos em que sustentavam teorias diversas de fundo comum, tudo fantasias através das lentes dos microscópios, nas lâminas de fixação.

Leydig e Heitzmann (1873) vêem no protoplasma uma rede, o retículo celular, em cujas malhas se acha o suco da célula. Este é o bioplasma, aquele, formado de plastina, o espongioplasma. E a teoria reticular.

Entretanto, alguns observam fibrilas onde outros viram retículo. Flemming (1882) criando uma substância filar ou mitome e o paraplasma ou paramitome divulga a sua teoria filamentar.

Tendo Kunster descoberto vacuolos, Butchli propôs a teoria alveolar ou vacuolar. O protoplasma é alveolar onde se encontram gotículas de um líquido, limitadas por paredes de espongioplasma.

Eismond concebe a teoria areolar. Existe um retículo, não, porém, de filamentos, mas de lâminas de protoplasma ramificadas e anastomosadas. Ha verdadeiros aréolos, com formas poligonais, entre mal adaptadas paredes.

Vêm granulos Altruam e Maggi. Estes granulos, bioplastas são vivos e sempre em colonias. Haveria uma substância intergranular.

Naegeli já o considera um precipitado de sais orgânicos que constituíram as micelas que têm ao redor de si certa quantidade de água não miscível.

A teoria miscelar segue-se a tubular de Velten (1873) e Nausen. Aquele distingue-se num grande numero de utrículos alongados ou canaliculos, tendo observado as células da *Cucurbita pepo*.

Fayod, mais recentemente (1891), preferiu a bizarra teoria espiro-fibrilar ou espiro-espantar.

Injetava mercúrio nas células vegetais e viu espiralados os canaliculos de Velten.

Hanstein (1880) vê no protoplasma um continuo movimento de centro á periferia e inversamente. Foram estas correntes de granulações muito antes observadas por Treviranus (1806) e Corti (1774).

Strasburger julgando o protoplasma homogêneo, sem embargo dos vacuolos e granulações, cria o trufoplasma, substância altriz e o emoplasma, sede dos principais fenômenos fisiologicos. Os asteres, o fuso, que surgem por ocasião do reproduzir-se da célula, seriam o resultado da elaboração deste emoplasma.

Mas estas idéas que se aventaram ao fim do século passado, foram de todo remodeladas. Com o rair do actual centênio, já a concepção é toda outra. E' uma das substancias que se

opõem aos corpos cristaloides de Graham. Todas essas teorias resumem um estado especial em que se encontra.

O protoplasma é um colóide.

Ai se encontram Si, Ca, K, Na, Mg, As. Fornece reações alcalinas quando vivo, acidas depois de morto. Um quarto de hora após a morte o fígado e o baço já enrubescem o tornesol.

Esmarelise pela tinctura de iodo, e pelo acido azótico, fixar a losina, fazer-se tirió pelo azotado de mercúrio (reativo de Nillon) são outras tantas propriedades químicas que nitidamente especificam o protoplasma.

O nucleolo (sin. citoblasta de Robin) é uma mancha pálida que ocupa quando o protoplasma é homogêneo sensivelmente o centro da célula. Quando ha um acúmulo de materiais nutritivos ele se desloca de acôrdo com a lei de Hertwig "ocupa o centro de gravidade da célula". A substancia que o compõe é o nucleoplasma. Os maiores nucleolos se encontram nas células mais jovens. Bourne estabeleceu que a "massa do nucleolo está para a do protoplasma na razão de 1 para 60". Sua circunferencia nitida ou fosca é algumas vezes dentada. O enucleoplasma ora liso ora rugoso tem granulações que semelhantemente fina poeira dificilmente percebida. Alguns inteiramente formados de granulos moleculares cinzentos, matiz de ambar, brilhantes e aglutinados, característicos dos nucleolos granulados ou framboesados. Ha uma região média, homogênea a *zona hialoide*. A análise química além dos elementos da albumina que tem, possui Fe, As, I.

A membrana nuclear formada pela anfipiremina o limita com o protoplasma, delgada, hialina e panda pela pressão do suco que encerra. E' constante e desaparece, efemera pela divisão celular, refazendo-se logo em seguida. E' permeavel, o que assegura trocas incessantes que se efetuam entre o nucleolo e o protoplasma. O suco nuclear, solução rica de sais e pobre em albumina, banha-lhes os elementos figurados. No interior do citoblasta ha uma substancia dificilmente coravel e por isso mesmo chamada aeromática. Aceita-se que tenha a forma reticular, rede de linha em cujo interior se acham os nucleolos (sin. plasmossomas).

Estes corpusculos formados de pirenina (Schwartz) sobrenadam no enguilema (sin. suco nuclear, paralina, cariolina). Ha nucleolos, como nas células de Sertoli, flanqueados por dois outros, mais pequenos e diversamente coloridos. Os nucleolos, cujo diametro varia entre 1 μ e 2 μ a observação mostra que resultam do desenvolvimento do nucleolo. São homogêneos, transparentes, raro granulados, sem membrana. Talvez alguma crivada de orificios (Daval). A glicerina esmaece e os dissolve pouco a pouco.

Prenant relatando os ensinamentos de Robin não aceita os nucleolos livres, isto é, sem massa de protoplasma. Póde a cromatina (sin. nucleína) acumular-se nos nós da rede nuclear formando os falsos nucleolos (sin. corpos nucleinianos, nucleolos nucleinianos). A constancia do nucleolo é a ultima questão que se nos põe. Ha quem admitta a ausencia do nucleolo. Delage protesta. Emery, Robin. Póde-

(Conclue na 8ª pag.)

MIUÇALHAS INDIGENAS

Por Moisés Gikowate.

Saiamos dos pensamentos quotidianos e caminhemos por estradas dum passado longínquo, onde os pesares desaparecem com a rapidez do fumo no ar. Não quero, porém, sair do solo brasileiro, pois se encontram enterradas maravilhas de outros povos, restos dos nossos indios, cinzas de uma outra civilização. A ciência é que nos dá conhecimento disso tudo.

Diremos alguma coisa dos costumes de nossos indios na arte de manejar o barro. Eles amassavam o barro, sentados no chão, transformavam-no em rolos compridos, e sobre um fundo assentado no solo iam enrolando até aparecer um vaso, não das formas gregas, mas de uma arte mais rudimentar. Secado, queimado, recebia a gravura ou a pintura e então era empregado conforme a forma, ora para guardar agua, ora para cozinhar, ora tendo a forma de um idolo, era adorado etc...

E depois... vieram os conquistadores, os civilizados e com eles a destruição.

Que ficou dessa cerâmica, desses costumes, de seu modo de vida, de suas lendas, religião e arte? Cinzas que o vento espalhou em varias partes desse territorio gigantesco. E agora? O indifferente passa, o curioso examina-os, mas despreza-os, o vulgo lança-os ao rio, porque não lhe acha prestimo, admirando-se, entretanto, de ver algum com cuidado, com animo e paciencia colher, um por um, todos estes fragmentos e guardá-los como se fóra um tesouro.

Esse é o cientista, o arqueologo, para quem o fragmento por menor que seja é uma preciosidade e revela mil cousas, que passam despercebidas ao vulgo. O arqueologo, que examina os restos de barro dos selvagens de outrora, vê tanta arte no fabrico da mesma, tanta correção nos desenhos, tanta delicadesa e capricho nas suas gravuras ou pinturas fantasticas, que não pode deixar de reconhecer que aquilo do qual só restam fragmentos como de sua obra, alcançara um grão de civilização mais alto do que possui hoje, não o gentio, o selvagem, mas o tapuio civilizado. Já Humboldt perguntava a si mesmo, será uma civilização que começa ou que decae? Pensamos que era a sombra do que já fóra. Pois tinham tempo para as artes, dias de paz e de calma, para tecer, fabricar flechas, lascar pedra para servir de machado, fabricar bebidas, fazer festas...

E quando a luta ocupava os guerreiros, sobrava contudo tempo ás matronas e donzelas, para prepararem os canutis para o cachiri, o turubá com que recebiam os vitori-

O 7 de Setembro no Internato

No dia 7 do corrente, data maxima da Nação Brasileira, a Academia Pedro II realizou magnifica sessão comemorativa, que foi abrilhantada pela presença de S. Ex. o ministro da Educação e Saúde Publica.

A primeira parte da ordem do dia desenrolou-se num ambiente da mais viva satisfação. Ocuparam a tribuna varios oradores, sendo digna de destaque a alocação proferida pelo aluno Alberto Torres, presidente da Academia, que se revelou um orador como poucos.

Finalizou a sessão, concorridissimo baile que transcorreu na melhor ordem e alegria.

O Grenio, convidado, fez-se representar.

Gratos.

A' COLEGIAL

Uniformes e enxovais para todos os colegios

A maior casa em vestuários para crianças

LARGO S. FRANCISCO, 38-40

... e as ignasanas onde se recolhiam os ossos dos infelizes mortos nas batalhas. "E á sua chegada, orgulhosas, com as proprias mãos talvez distribuissem aos valentes as bebidas inebriantes, enquanto uns dançavam e outros contavam a paranduba de suas proezas, cheios de si por suporem extintos os inimigos e que pisavam livres o solo tambem livre que os viu nascer. Enquanto livres, a arte da cerâmica era praticada em grande escala e a escolha e preparo da argila já indicava um estado mais alto do que a infancia de um povo. E viviam felizes. Construam os seus cemiterios, enterrando os mortos em grandes potes e ajuntavam os objetos pertencentes ao morto. Deixavam-nos os sambaquis como um enigma, que está por ser decifrado, ou descoberto quem foi o homem do sambaqui, etc..."

E o Muirakita ou pedras verdes, e as Amazonas ou mulheres que matavam os filhos machos, e os seus idolos... e quem hoje, ao ver isto tudo, não sente uma revolta intima contra aqueles que tantas belezas destruíram!?

Casa Alberto

BANDEIRAS E BONÉS

Praça da Republica, 66 - Fone 2-5249

Meu quépi virou estopa

Já está rota a minha roupa

Todavia não me aperto

Vou receber cumprimentos

Por fazer meus fardamentos

Na afamada CASA ALBERTO

O homem que não ri...

(A VICTOR HUGO)

Por Pedro Bloch.

Olhei para Dimitri para me certificar de que não tinha enloidecido e incredulo insisti:

— Mas isso tudo é verdade, Dimitri?... Não está zombando de mim?

— Deus me livre! Píotor Gregorovich, Deus me livre!... Não teria tamanha ousadia!...

E atirando a longa "nagaika" para um canto:

— Não acredita?...

— Não é, para menos, Dimitri, desculpei-me: é que tu contas é tão terrível que...

— Ora!... pois essa não é a mais impressionante. Vou-lhe contar ainda outra que o senhor talvez não conheça...

E aquecendo as mãos perto do "sarnovar":

— Vou contar-lhe a historia do "homem que não ri..."

— Conte lá, Dimitri Ivanovich. Conte lá...

Dimitri encheu o copo de chá até transbordar e calmo, muito calmo para me aguçar a curiosidade:

— Conhece a cidade de Jitomir?...

— Claro que conheço!...

E conhece a "rua do teatro"?

Ri-me da tola pergunta de Dimitri.

Era o mesmo que perguntar a um homem que diz conhecer Nova York se já viu a "Quinta-Avenida"; a um homem que conhece Paris se já passou pelo "Boulevard de Saint-Germain"; a um homem que conhece o Rio de Janeiro, se já transitou pela Avenida Central.

— Pois foi na rua do Teatro que tal caso começou. Passou-se em 1902, portanto no tempo em que o czar ainda vivia.

(Sonia aproximou-se interessada).
"Nesse tempo era eu cocheiro de uma das mais ricas familias de toda a Russia. Na rua do Teatro erguia-se um palacio que rivalisava com o do czar.

Pois nessa casa morava o príncipe Leonid, a princeza Catarina e o pequeno Nicolai.
No tempo em questão o palacio estava agitado. Via-se gente a mover-se em todos os sentidos, correrias, gritos e no meio de todo aquele "brouhaha" a voz do príncipe a dirigir os preparativos da grande jornada.

Iamos percorrer um caminho de muitas veredas para tratar do príncipezinho que adoecera gravemente. O pai desejava confiá-lo aos cuidados do médico do czar no qual tinha confiança illimitada.

Partimos ao cair da noite.
A neve caía espessa. O vento so-

prava regelando os ossos. O treno deslisava em surdina.

Percorremos assim quasi a metade do caminho quando...

Nesse quando Dimitri calou-se.

— Quando... repetiu Sonia estremeendo.

— Quando!... indaguei eu curioso.

— ...quando, continuou Dimitri, o príncipe gritou:

— Mais depressa Dimitri mais depressa.

Protesteí. Não se distinguia nada, as trevas eram densas, a neve muita e os cavalos cansados. O que adiantava correr se mais cedo ou mais tarde teríamos infalivelmente de parar pois os pobres animaes estavam exaustos.

O príncipe, porém, não quiz compreender. Mas raciocinava.

Nesse momento predominava nele o coração ferido de um pai.

— Mais depressa Dimitri, mais depressa berrou irritado.

Os cavalos negaram acelerar a marcha.

— Impossível, senhor, impossível. Os animaes não resistem.

O príncipe atirou-se-me furioso. Brandia uma pistola e ia desfechala sobre mim quando a princeza soltou um grito e desmaiou.

Aproveitando a ligeira distração do príncipe atirei-me a ele e arrancando-lhe o revólver das mãos prostrei-o morto.

Oh! exclamei eu horrorizado.

Oh! repetiu Sonia possuida do mesmo sentimento.

Dimitri abaixou a cabeça.

Os senhores me condenam como todos me condenaram, mas ponham-se no meu lugar. Se eu não tivesse matado o príncipe ele não me pouparia.

Dirigi-me para o treno afim de socorrer a pobre senhora.

Encontrei-a porém já sem vida.

Não resistira ao pavor. Pobre senhora!...

E Dimitri abismou-se nas suas recordações.

delicadeza!... que boa alma.

— Eh! rapaz continúa. Deixa disso por enquanto.

Sonia já nem falar podia tão horrorizada estava.

— Não tive trabalho com os corpos. A neve, mais que depressa, cobriu-os.

Tornei a subir para o treno, mas... E estremeendo:

— ... Mas fiquei petrificado.

Diante de mim estava o príncipezinho. O seu rosto era terrível. Olhou-me com tal odio que reeci.

Fuzilava-me, matava-me, um horror!...

Tentei explicar-me, tentei desculpar-me ele porém não me ouviu e disparou velozmente.

Fiquei no meio da estrada acompanhando com os olhos o treno que se afastava.

Não tive remedio senão voltar a pé, a morrer de frio e de cansaço.

Prenderam-me, julgaram-se, condemnaram-me. Fui degradado para a Siberia e condenado a trabalhos forçados por dez annos, porque não tinha provas contra mim. Imagine se tivesse!

Sai da prisão ha dois annos.

Mal cheguei á minha terra natal tive conhecimento de um fato que me aniquilou.

Na cidade morava um homem que não ria.

Era um príncipe... o príncipe Nicolai.

Vi-o passar ao pé de mim.

Conservava a mesma expressão que no dia em que matei o pai.

Um olhar fuzilante... um olhar de odio... um olhar terrível...

— Evitei-o, Evitei-o. Evita-lo-ei. Mete-me medo. Mete-me medo. gritou Dimitri... Mete-me medo...

O seu rosto se contraiu numa expressão indescriptivel.

Voltei-me. Receendo de mim estava um rapaz de seus 18 ou 19 annos.

Seu rosto parecia o de uma estatua. Não ria... conservava-se muda... o olhar cheio de odio...

Dimitri empalideceu...

— Píotor, gritou-me, tenho medo. Tenho medo. Píotor. Salva-me.

Não tive tempo para intervir sequer.

O desconhecido caminhou para Dimitri e, num relance, estrangulou-o.

Vi cair o seu corpo e o do desconhecido sobre ele.

Aproximei-me.

Pelos traços que Dimitri me dera reconheci o príncipe Nicolai. Estava com os olhos vidrados. Mas seu rosto que até então nunca sorrira esboçava um sorriso terrível... um sorriso medonho...

Sonia soltou um grito e caiu nos meus braços.

Apertei-a contra o peito. Procurei acalma-la.

Mas ela só succgeu quando se viu longe do local do crime.

Eu dirigia o treno.

A neve caía densa.

A noite estava escura.

Mens olhos horrorizados mais uma vez divisaram no escuro o príncipe Nicolai sorrindo um sorriso terrível... um sorriso medonho...

O treno deslisava em surdina...

Para um bom esboço, um bom papel: os **CADERNOS DE DESENHO "Bordalo" e "Rafael"** são insuperaveis.

Silhouette: o caderno ideal, para se conseguir boas provas.

Silhouette: o compasso economico para os alunos.

Silhouette: cadernetas para as notas collegias, com todas as materias enumeradas.

Silhouette: Linda coleção de luiretas para notas.

Silhouette: Blocos para correspondencia de esmerada confeção em estilo francez.

Silhouette: Louças quebraveis e inquebraveis, pretas e brancas em todos os tamanhos.

Silhouette: Os artigos SILHOUETTE, encontram-se á venda em todas as Papeterias

CELULA

(Conclusão da pag. 7)

se apresentar num estado especial, difuso, sob a forma de cromídios, particulas nucleares extremas, nítidos, numa preparação de verde de metila.

Krasser fez uma experiencia notavel que consistiu em extrair por processos físicos e químicos a nucleina de células onde jamais se vira o nucleolo.

Ha um corpusculo que, segundo observou Julin, só aparece pela divisão da célula e julga que é um nucleolo libertado do nucleo para dirigir as fuções vegetativas.

Guignard abalou grandemente essas idéas a respeito do centro celular (sin. centrosoma, corpusculo polar, idiozoma).

Pela primeira vez viu-o Van Beneden (1867). Compreende o 1) núcleo (sin. corpusculo central, microcentro, centricolo); 2) Esfera atrativa (sin. Arcoplasma de Boveri, Cynoplasma de Strasburger, centrosfera de R. Perrier); 3) Oster. O centriculo corpusculo central, assinalado por Boveri. M. Duval diz que o idiozoma se reduz a microcentro enquantto a célula não entra em divisão. O arcoplasma é um segmento circular que envolve o núcleo. Tem duas zonas, uma central, outra periferica, a primeira medular mais clara, a segunda cortical, mais escura. O aster, que envolve a centrosfera, já é reunião de filamentos do centriculo que vão morrer no protoplasma.

A membrana envolvente, cuja presença é até controvertida, é delgada e hialina.

Algumas vezes espessadas, incrustada. Tendem as opiniões a acreditar na existencia da membrana em todas as células.

Sobre a fisiologia das células algues dissertaremos.

A MAIS
BARATEIRA



CASANOVA

Os mais
FINOS CALÇADOS
42 - Carioca - 42

Casa Moraes & Alves

AVENIDA PASSOS N. 116
FONE: 4-5853 — RIO



Quepis, espadas, bom fardamento;
Artigos finos, de qualidade,
Que aos militares dão alegria,
São encontrados com abatimento
Na melhor casa desta cidade
De MORAIS, ALVES & CIA.